

O “ESPIÃO” DE CASTELO BRANCO

Neste Verão, completam-se 40 anos sobre a fundação do *Tal & Qual*, o semanário que um dia descobriu, numa escola albicastrense, um professor que espiara para os alemães durante a Segunda Guerra Mundial.

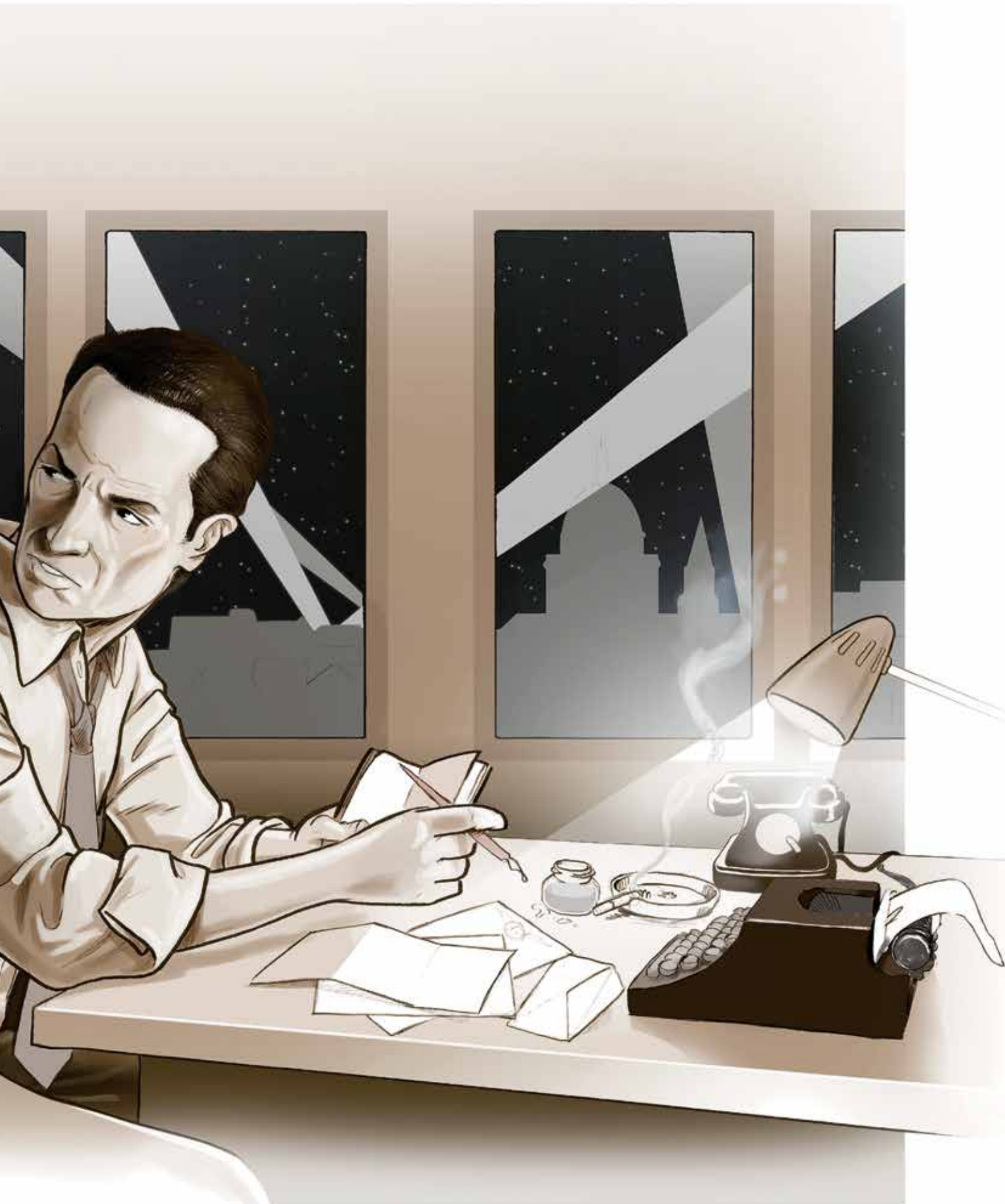
Gonçalo Pereira Rosa (texto) **Luís Taklim** (ilustração)

Março de 1981. No interior de um automóvel, um jornalista e um repórter fotográfico ganham coragem para completar uma busca que demorou semanas. Foi uma proeza extraordinária encontrar um homem quase quarenta anos depois dos factos que os levam aqui, partindo apenas da informação publicada na página de um livro. Encontraram o rasto documental de Rogério Teixeira de Menezes, que se esforçara por não deixar vestígios. Falta agora a segunda fase – travar conhecimento com o interlocutor e extrair dele o máximo de informação possível, incluindo uma fotografia. Como Hannah Arendt no julgamento de Adolf Eichmann, esperam encontrar a personificação do rosto do Mal, um vilão desprezível.

Não é isso que sucede. A realidade costuma ser mais complexa. “Chegámos e vimos um professor imensamente querido na escola”, conta Rui Cabral, o jornalista do *Tal & Qual* que se deslocou a Castelo Branco, na companhia de um repórter fotográfico que não se identificará neste artigo por motivos adiante explicados. “Encontrámos um senhor de idade, com um porte altivo. Quase parecia o poeta José Gomes Ferreira. Lembrava-me a figura do meu próprio avô materno, que fora germanófilo durante a Segunda Guerra Mundial”.

No átrio de entrada da Escola Secundária de Castelo Branco, os dois repórteres pedem para chamar Rogério Teixeira de Menezes, o professor de Português do estabeleci-





mento. Apresenta-se pouco depois um homem de “cara rosácea, olhos claros de tom esverdeado, cabelo pintado para esconder o adverso cã de 64 anos, pintura que, segundo a expressão de Menezes, se justifica: ‘Os alunos não gostam de professores velhos’”. Menezes não adivinha que os anos que lhe restam serão definidos pela conversa que se prepara para ter, nem que o seu destino ficou selado no dia em que Hernâni Santos, o chefe da redacção do *Tal & Qual* e director *de facto* da publicação, leu o seu nome no livro de memórias do espião Kim Philby.

Rui Cabral surpreende o interlocutor: “Dostoiévski foi condenado à morte e libertado já com a venda nos olhos”. É uma referência velada ao destino que esteve marcado em Londres para Menezes, quando os serviços ingleses de contra-espionagem o identificaram e levaram a tribunal – o espião foi então condenado à morte por enforcamento, pena depois comutada para prisão perpétua e, seis anos depois, em 1949, considerada cumprida.

O professor de liceu ainda ensaia alguma perplexidade. Rui Cabral dá a estocada final: “Londres, anos 40...” Menezes pisca os olhos nervosamente e responde: “Vejo que conhece os meus métodos (...) Não confirmo nem desminto. Janto consigo, mas garanto-lhe que sobre tal assunto não direi uma palavra”.

Num ápice, Rogério Teixeira de Menezes é forçado a recordar a tragédia da juventude que quase lhe custara a vida em 1943. É provável que tenha recuado até ao dia em que concorreu e foi aceite no cargo discreto de dactilógrafo da embaixada portuguesa em Londres.

ESPIÃO POLIDO

Nascido em Angola no primeiro dia do ano de 1917, com a Primeira Guerra Mundial ainda em curso, Rogério Menezes ingressara no Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE) no dia 16 de Agosto de 1939. Tinha 22 anos, dominava razoavelmente as línguas francesa e inglesa, mas mostrava-se favorável aos interesses germanófilos. A Segunda Guerra Mundial começaria menos de um mês depois e Rogério Teixeira de Menezes já escolhera o seu lado.

Numa exposição dirigida a Salazar em 1949, pedindo clemência para o seu irmão mais novo, o médico Amadeu Menezes regista: “Meu irmão é nacionalista, filiado na União Nacional, admirador da personalidade e doutrina política de V. Ex.^a (...) Cometeu a sua acção, que eu reprovoo, por ideologia e não como mercenário (...) Meu irmão praticou uma acção reprovável, combatendo por uma causa que não era a da sua Pátria, embora fosse a da sua simpatia”.

O advogado José António Barreiros foi o biógrafo mais minucioso de Rogério Menezes, no livro “O homem das cartas de Londres”, em 2003, resultado de meia década de contactos em Castelo Branco e de troca generosa de informação com o biografado. Quando finalmente oferece algumas razões para os actos cometidos em Londres, Menezes dir-lhe-á que “o seu germanofilismo era a consequência natural do seu anticomunismo [mas], numa medida importante, não deixou

de me sublinhar que Adolf Hitler havia chegado ao poder através de eleições cuja legitimidade não mereceu dúvida”.

Nos contactos de Menezes com jornalistas, biógrafos ou agentes da polícia política, sobressaem traços de uma certa misoginia. “Educado e polido de maneiras, fez conhecimento fácil no ministério com os seus colegas, mas não criou amizades, ao que não seria alheia a sua personalidade reservada”, nota Barreiros. Conhecem-se-lhe poucos namoros, embora, mais tarde, os serviços secretos britânicos lhe atribuam “um apetite insaciável pelo género feminino e uma imensa disponibilidade para se endividar para além dos seus magros proventos”.

Abre-se em 1941 um concurso para admissão de funcionários na apetecida embaixada portuguesa dos Estados Unidos, um país então ainda neutro. Menezes não obtém o cargo e, quando José António Barreiros lhe sugere que poderiam ter sido os seus ‘contactos’ alemães a manobrar influências nas Necessidades para colocarem o seu recruta num cargo mais útil, “negou-me isso com veemência”.

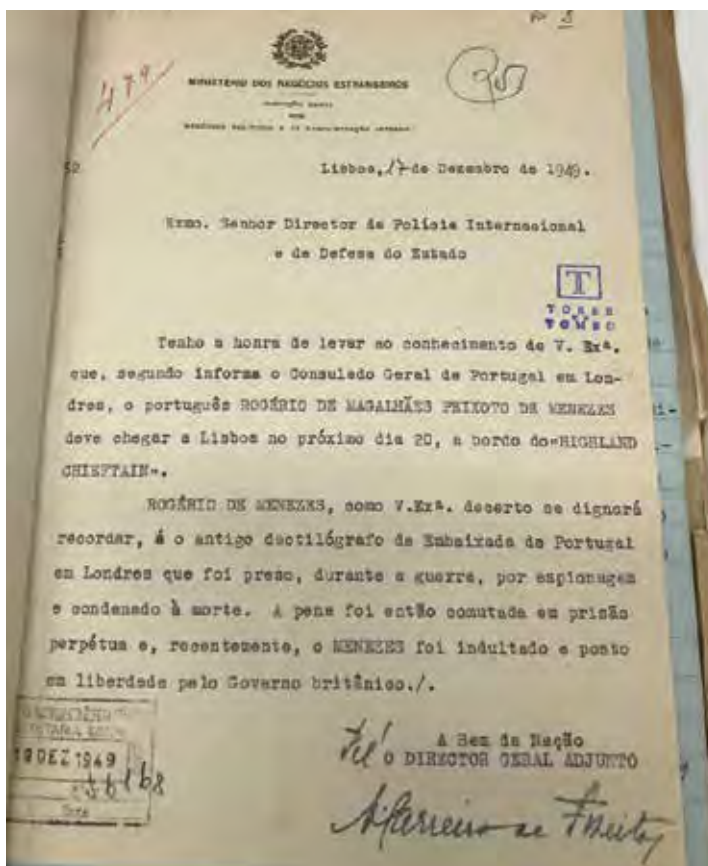
O processo de recrutamento do espião foi bem documentado no inquérito que a PIDE conduziu, mal Rogério Menezes voltou a pisar solo português, em 1949 (PIDE/DGS, SC, PC 1150/49 NT 5034), e seria mais tarde revisitado com poucas *nuances* por José António Barreiros. Um amigo, companhia habitual no Café Portugal, aliciara-o para a causa do Eixo. Conhecia interlocutores que pagariam bem por informação que caísse na mesa de Rogério Menezes e ofereceu os serviços deste à espionagem italiana, primeiro, e depois aos serviços de espionagem alemães. Menezes reúne-se com dois alemães antes da partida para Londres num apartamento da Rua Rodrigo da Fonseca, ironicamente a mesma rua onde, quatro décadas depois, funcionará a redacção do jornal que o vai expor. Aceita espiar e combina pagamentos e métodos. Ao contrário do que o *Tal & Qual* publica em 1981, não é recrutado pela Abwehr, mas sim pelo Sicherheitdienst, o serviço de informações do Partido Nazi.

Para desgraça de Menezes, os alemães sugerem uma via aparentemente impenetrável: o dactilógrafo deverá remeter para Lisboa, por mala diplomática, cartas endereçadas a destinatários fictícios como Francisco Mendes e Manuel de Castro. No verso das missivas, deverá escrever em tinta simpática a informação que recolher em Londres. É-lhe fornecida tinta e pó revelador. A sua irmã Hália passará depois, periodicamente, pelo ponto de recolha, recebendo as cartas e transmitindo-as ao destinatário, sem saber que está a participar em actos de traição e espionagem. Os alemães desconhecem, porém, que os serviços de contra-espionagem britânicos violam sistematicamente a mala diplomática dos países neutros. O sistema seguro é, afinal, altamente permeável.

Menezes parte para Londres. Pouco depois de chegar, conhece Fernando Pessa, então jornalista do Serviço de Língua Portuguesa da BBC. Traz-lhe, por incumbência da mãe de Pessa, a chave do caixão do pai, recentemente falecido. Mais tarde, também ao *Tal & Qual*, em entrevista concedida a José Rocha Vieira, Pessa exagerará dramaticamente a sua



Rogério Menezes chegou a ser condenado à morte, mas foi libertado em 1949 [Arquivo da PIDE]



A PIDE informou o Ministério dos Negócios Estrangeiros de que iria esperar Menezes à saída do navio Highland Chieftain [Arquivo do MNE]

intimidade com o espião, contando que fora aguardar à estação de Victoria um homem “falador, com cara de poucos amigos [que] apenas tinha reacção quando se ouvia o estrondo das bombas alemãs” e com quem almoçaria no dia seguinte na sua casa de Park West (“O espião de Hitler almoçou na minha casa em Londres”, titulará o jornal no dia 24 de Abril de 1981). Nem Menezes chegara a Londres por Victoria no dia 14 de Julho de 1942 (a carreira aérea de Lisboa chegava a Bristol e os comboios de ligação deixavam os passageiros em Paddington) nem Pessa o esperara na estação.

Os alemães tinham-no encorajado a decorar uma extensa lista de informação útil para o esforço de guerra, como a localização de unidades de produção fabril, de armamento ou de abastecimento e o próprio aparato defensivo da capital londrina. Menezes terá remetido para Lisboa cerca de uma dezena de cartas (em tribunal, admitirá que foram 12). Não é um espião de vulto, nem a sua posição na embaixada permite acesso a informação confidencial. Mas foi identificado pelos ingleses que aguardam, como lobos, por um passo em falso. No dia 31 de Janeiro de 1943, Menezes comunica para Lisboa a posição das baterias antiaéreas de Hyde Park. É a prova definitiva.

Na Secção V do MI6 em Portugal, opera Kim Philby, um agente notável que, durante duas décadas, foge ao escrutínio dos seus próprios compatriotas enquanto informa Moscovo de tudo o que se passa nos serviços de espionagem aliados. É um dos maiores espiões do século XX e é irónico que tenha sido ele o responsável pela sequência de eventos que custarão a liberdade a Rogério Teixeira de Menezes. Philby e os serviços secretos sabem quem é Menezes, quem o recrutou e têm até as cartas já enviadas. Quando a carta sobre Hyde Park lhe passa pela mão, Philby apercebe-se de que o documento

será inquestionável para a diplomacia portuguesa. Não há possibilidade de negação – é um acto de traição de um diplomata de uma potência neutra. Por outro lado, o documento também evita que as autoridades inglesas tenham de prestar explicações adicionais suscetíveis de sugerir aos portugueses (e consequentemente aos alemães) que o sistema cifrado de comunicações nazis é afinal penetrado. É expectável que Salazar e Armindo Monteiro, o embaixador português em Londres, abduquem da imunidade de Menezes perante as provas do crime e é isso que sucede.

Menezes é detido no dia 22 de Fevereiro de 1943. Confessa abertamente tudo e esgrime uma defesa inteligente no Tribunal Criminal Central de Londres, a partir do dia 30 de Março. É condenado à morte em sessão à porta fechada e a sentença agendada para 28 de Maio. Inicia-se então uma negociação secreta entre os governos português e inglês. Lisboa apela à comutação da pena e Londres exige medidas mais veementes para contrariar a espionagem alemã, que tem lugar *às claras* em Portugal. Dois dias antes da execução, Menezes é poupado, mas, durante alguns meses, será mesmo dado como falecido. *The Times* escreverá, em 19 de Outubro de 1945, que o espião foi executado.

Menezes, confesso espião alemão em tempo de guerra, permanece preso na Grã-Bretanha até Dezembro de 1949. Depois, é deportado para Portugal, onde a PIDE o espera à saída do navio Highland Chieftain, para um novo inquérito e detenção por violação da mala diplomática. Passa o Natal no Aljube.

É nessa altura que o irmão escreve a Salazar, sugerindo que a segunda pena a que Rogério Menezes parece destinado visa dissuadi-lo de reclamar a reintegração nos quadros do MNE e, sobretudo, de contar abusos que presenciara na

embaixada. “Terá o Sr. Dr. Armindo Monteiro receio que o meu irmão possa revelar segredos que o comprometam? Que Sua Ex.^a, um *connoisseur* de arte, aproveitou a sua situação em Londres para fazer honestamente e de harmonia com as suas disponibilidades aquisições para a sua valiosa colecção e que trouxe para Portugal ao abrigo das suas imunidades diplomáticas? (...) Mas todos sabem que Sua Ex.^a administra companhias com capitais de predominância inglesa”. A PIDE investigará também a passagem de Armindo Monteiro, pai do jornalista e dramaturgo Luís Sttau Monteiro, pela embaixada.

Menezes é libertado em Fevereiro de 1950. Recomeça a vida. Poucos em Lisboa sabem o calvário que atravessou e Rogério Teixeira de Menezes fará o possível, nos trinta anos seguintes, para passar despercebido, como um vulto na multidão.

TSUNAMI CRIATIVO

O *Tal & Qual* foi fundado em quinze dias de Junho de 1980. Não é um eufemismo – foi esse o tempo que mediou entre a decisão da RTP de encerrar o programa com o mesmo nome que Joaquim Letria apresentava no segundo canal e a publicação de um novo semanário. A génese da ideia já foi contada por Letria em “Joaquim Letria, sem papas na língua”. Frustrado com a decisão de Victor Cunha Rego, o director de programas da RTP de então, Letria e o jornalista catalão Ramon Font aproveitam uma noite dos Santos Populares para carpir as mágoas em Alfama. Font sugere a Letria que mantenha o nome da marca e crie um jornal à imagem do programa encerrado por decreto político. Letria encontra suporte em Lopes do Souto, empresário de comunicação e proprietário da União Gráfica, que acolhe a ideia e aceita financiar três edições do jornal... para ver o que dá.

Da reunião com Lopes do Souto, os dois partem para casa de Hernâni Santos, acabado de chegar de Goa, onde assinará para o *Expresso* um dos triunfos da sua carreira – uma reportagem com o general Vassalo e Silva, no regresso deste à Índia após os confrontos de 1961 e onde o militar é coagido a pedir perdão aos indianos por ter servido Salazar. Os três mosqueteiros de Dumas eram, afinal, quatro e, no *Tal & Qual*, sucederá o mesmo – Hernâni Santos sugere o nome de José Rocha Vieira para compor o quarteto fundador do semanário que agitará o mercado jornalístico português com a força de um *tsunami*.

Alguns jornais, na história trágico-cómica do jornalismo português, viveram e morreram sem registarem uma manchete de vulto, uma história exclusiva digna de ser narrada. Despudorado, corajoso, por vezes extravagante e ríspido, o *Tal & Qual* acumula num ano reportagens exclusivas que fazem tremer os círculos de poder em Lisboa. Ninguém está a salvo. O mercado de jornais, quase todo estatizado, vive então num equilíbrio precário entre jornais afectos a correntes partidárias. É uma sopa morna que não tem paladar nem especiarias. O *Tal & Qual*, em contrapartida, dispara a torto e a direito. Torna-se a válvu-



Hernâni Santos, então chefe da redacção, descobriu o nome do espião no livro de memórias de Kim Philby. O repórter Rui Cabral (à direita) reconhece que hesitou, intuindo os efeitos da reportagem [Arquivo Tal & Qual]

la de escape do regime democrático, a panela de pressão que pontualmente tem de ser aliviada.

Impõe uma matriz anglo-saxónica como nunca se vira no país, resultado da vivência de Hernâni Santos e de Joaquim Letria em Londres, antes da revolução de 1974. “Vivi mais de dez anos em Londres e fui infectado pela imprensa britânica”, conta Hernâni Santos. “Ali é imperdoável, seja num tablóide ou num *quality paper*, que se falhe nas regras e na ética profissionais. A exigência é muito elevada. Lia muitos jornais e fui bastante infectado pela BBC, onde as regras eram as mesmas. Penso que há muito desse jornalismo anglo-saxónico no T&Q”.

No primeiro ano de vida, até à divulgação da história de Rogério Teixeira de Menezes, o *Tal & Qual* revela, com naturalidade, aos portugueses que o primeiro-ministro Sá Carneiro tem uma nova companheira, Snu Bonnier (n.º 1). Expõe uma rede de filmagem de pornografia em monumentos de Sintra (n.º 2), revela o quotidiano de Dona Maria, a antiga governanta de Salazar (n.º 4), mostra a identidade da primeira mulher guarda-costas de um primeiro-ministro (n.º 7) e expõe uma rede de venda de crianças para o estrangeiro (n.º 8). Apresenta um espião alemão que reconhece ter vigiado a embaixada líbia (n.º 13) e fura o quotidiano de Pereira de Carvalho, antigo inspector da PIDE (n.º 38), agora pensionista.

A equipa fundadora não dura seis meses. Joaquim Letria assume funções de porta-voz de Ramalho Eanes na Presidência da República e Ramon Font é convidado para correspondente da Rádio Nacional de Espanha. Saem do projecto. Mário Zambujal passa a dirigir o jornal em Janeiro de 1981 em funções nominais, mas o verdadeiro director é Hernâni Santos que, por força da sua nacionalidade inglesa, não pode assumir legalmente a direcção de um órgão de comunicação. São contratados jornalistas para a casa das máquinas: Luís Marques e Rui Cabral juntam-se à equipa de



A edição de 16 de Abril de 1981 do *Tal & Qual* foi um sucesso comercial. Na semana seguinte, o jornal retomou o assunto, entrevistando Fernando Pessa



redactores e trazem músculo para a investigação. Pela fotografia, passam nomes de vulto, de Alfredo Cunha a Rui Ochoa, de José Tavares a Carlos Gil, de Marques Valentim a Luiz Carvalho.

“O *T&Q* tinha características muito interessantes”, lembra Rui Cabral. “Havia uma edição muito cuidada dos textos – o recurso a *desks* criteriosos era uma das chaves do sucesso para escrever textos curtos, incisivos, divertidos e rigorosos. Muitas pessoas entravam no *Snob* com o *T&Q* escondido dentro do *Expresso*, porque era um jornal agressivo, que vivia muito da manchete, por vezes chocante para um país conservador. Quando começávamos a temer que, na edição seguinte, não houvesse um tema forte de primeira página, lembro-me de, por brincadeira, o Hernâni dizer: ‘Será desta que colocamos lá a foto da equipa de redacção como último recurso?’. Nunca aconteceu”.

Hernâni Santos é a força motriz do jornal nos primeiros anos e o curador das fontes mais férteis. É galardoado, aliás, em 1981 com o Prémio de Jornalista do Ano. Alguns jornalistas consomem o tempo de carreira sem terem dado uma notícia. Hernâni Santos, em contrapartida, dava várias num único parágrafo. Os tempos também são mais perigosos – a revolução teve lugar apenas seis anos antes. Talvez por isso, pelo menos um redactor do *T&Q* faz-se acompanhar de um revólver dissuasor, com a devida licença de porte de arma.

O jornal, por vezes, resvala para alguma ligeireza. A matriz exige uma manchete poderosa e ela provém por vezes do mundo do crime ou do sexo. “Enquanto dirigi o jornal, nunca deixei que se publicasse algo reles”, contrapõe Hernâni Santos. “Provocatório e extravagante? Seguramente. Ousado ou até arriscado por contrapor direitos de informação aos direitos de privacidade? Também. Mas os jornais ingleses entendem que lhes cabe a fiscalização do funcionamento do Estado que nós paga-

mos com os nossos impostos. Em Inglaterra, o bem maior está acima de tudo. Aqui, isso não existe, embora tentássemos concretizar essas ideias no jornal”.

Rui Cabral reconhece que preferia desenvolver as histórias de investigação. “Eles gozavam comigo por eu preferir não me envolver nas histórias de crime, daquelas em que o repórter emerge com as mãos cheias de sangue”, admite, com uma gargalhada. “Certa vez, no envelope com o meu ordenado, escreveram ‘Colaboração Literária’ para marcar essa diferença. Mas confesso que preferia as histórias que exigiam mais trabalho de pesquisa”. Como a do espião.

GÉNESE DA HISTÓRIA

Consumidor ávido de obras sobre espionagem e interlocutor de vários agentes estrangeiros posicionados em Lisboa, Hernâni Santos recorda em 1981 o livro que leu em Londres com as memórias de Kim Philby (“A minha guerra silenciosa”). O volume fora editado em Portugal pela Bertrand em 1976, mas despertara pouca atenção, apesar das revelações bombásticas sobre os casos de espionagem ocorridos nos serviços diplomáticos portugueses. “Sou um curioso dos serviços de informação”, conta o jornalista. “Sei até certo ponto como trabalham e dei-me sempre bem com os profissionais dessa ‘arte’ que trabalharam em Lisboa a partir de várias embaixadas. Muitas histórias do *Tal & Qual* inspiraram-se em livros ingleses sobre espionagem e em fontes oriundas desse mundo”.

“O Hernâni convenceu-se de que aquele homem poderia perfeitamente estar vivo e em Portugal, mas tínhamos apenas o livro como ponto de partida”, conta Rui Cabral. Nas Necessidades, os redactores obtêm o nome completo do espião e os dados básicos de nascimento e naturalidade. A partir daí, entra em campo a velha escola... de *O Século*. “Quando entrei n’*O Século*, em 1970, um daqueles velhos jornalistas que tinham partilhado a mesa com o

Aquilino e que pareciam ter travado a batalha de La Lys apresentou-me a lista telefónica e disse-me apenas: ‘Está aqui quase tudo o que precisas’”, conta Rui Cabral. Segue-se um trabalho diligente, volume após volume de busca incessante do nome do diplomata.

Na lista correspondente a 1964, surge por fim o nome de Menezes, com uma morada atribuída na Avenida de Roma. Como um detective privado, Rui Cabral passa em revista todos os moradores. Alguém, por fim, confessa uma vaga memória do senhor que falava pouco e vivia como celibatário. É a segunda migalha de pão: terá migrado para as Beiras, onde lecciona.

Os inventários do Ministério da Educação e as listas telefónicas das Beiras Alta e Baixa são escrutinados com uma peneira. Aparece, por fim, na triagem um nome semelhante ao do homem procurado. E segue-se a confirmação de que se trata de um professor de Português na Escola Secundária de Castelo Branco. Reúnem-se mais dados biográficos (que Teixeira de Menezes virá a contestar em exposição ao Conselho de Imprensa, em Maio de 1981, em depoimento ao jornalista Joaquim Duarte, do *Jornal do Fundão*, em 8 de Maio desse ano, e ao seu biógrafo José António Barreiros, já na década de 1990). É preciso confrontar o alvo. “As boas histórias dão muito trabalho”, resume Hernâni Santos. “É um trabalho escondido, minucioso e aborrecido, mas que sustenta tudo”, acrescenta Rui Cabral.

Para Castelo Branco, viajam Rui Cabral e o repórter fotográfico do jornal na altura. Na cidade beirã, encontram um homem afável, a antítese do que procuravam. Não lhes foge, nem mostra antagonismo, embora sugira dramaticamente: “Isto não é uma ameaça de morte... Mas tenho a minha gente”. Falará sobre tudo, menos sobre os actos de Londres: “Não confirmo, nem desminto”.

Como feras que se vigiam, jantam nessa noite. “É o encontro entre o espião da escrita invisível e o repórter da escrita visível”, escreverá Rui Cabral. Menezes apela à benevolência do jornalista: “Se você divulgar, o caso fica feio”. Sublinhará

depois que até foi ele a pagar o jantar. Cabral responde: “A tentação da história é superior à sua história”.

A reportagem é escrita com apreensão e consciência do que está em causa. “Eu e o fotógrafo vimos aquele professor querido dos seus alunos, respeitado na cidade de província, e percebemos que a notícia iria destruí-lo. Hesitámos”, conta Rui Cabral. O fotógrafo esquivava-se e capta uma imagem à distância, onde se reconhece mal a silhueta do espião. Não assina o trabalho e hoje diz não se lembrar da sua participação no caso. A sua identidade é protegida neste artigo.

Em Castelo Branco, estão em jogo duas dimensões do trabalho jornalístico – o direito ao bom nome, à reputação e à privacidade e o direito do público ao conhecimento de um facto de inegável interesse e relevância. Barreiros argumentará no seu volume que a reportagem de “um jornal sensacionalista (...) havia-o fustigado dez anos antes, de teleobjectiva na mão, ao serviço de uma manchete: ‘O Espião de Hitler’, cognome que se generalizara entre a população e o atirara para o opróbrio público. Sofrera então na pele os efeitos da incompreensão, do isolamento, da má fama de quem o tinha associado ao lado vencido e condenado da história. Tivesse espiado ao serviço da causa aliada, estaria na galeria dos heróis. Assim, era um proscrito”.

A questão é mais complexa. A traição não prescreve e o acto de Rogério Teixeira de Menezes nunca fora dado a conhecer ao público português, por força dos silêncios da ditadura e da censura. Coloque-se o leitor na pele dos jornalistas que escavaram a história, desencantaram um nome no baú dos esquecidos, seguiram-lhe o rasto e encontraram um homem, não um monstro. Publicaria a história?

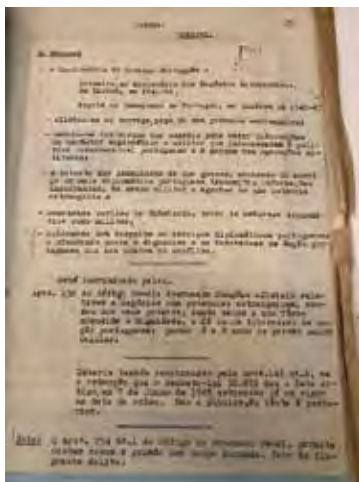
Em contrapartida, todas as denúncias deixam marcas nos sujeitos retratados. A denúncia do T&Q expõe o passado do espião. Joaquim Duarte era, em 1981, correspondente do *Jornal do Fundão* em Castelo Branco e conhecia Rogério Menezes. “Encontrávamo-nos no chamado Passeio Verde ou no Quiosque Central e tinha sempre uma palavra amável”, conta. “A publicação da história assustou-o e Menezes desapareceu

de vista. O PREC não estava longe e não consegue calcular a repercussão de uma exposição daquelas numa pequena cidade de província”. No dia 8 de Maio, apesar de ter casamento agendado para o dia seguinte, Joaquim Duarte oferece ao professor uma página do *Jornal do Fundão* para desmontar a acusação. Depois dessa intervenção, Rogério Menezes nunca mais falará à imprensa”.

Publicada no dia 16 de Abril de 1981, a edição do *Tal & Qual* com esta reportagem foi um sucesso comercial. O mundo de Menezes começa a ruir nessa semana. Daí para a frente, será apontado a dedo na cidade. Depois de o antigo espião falecer, José António Barreiros folheou com curiosidade o amontoado de livros que o professor de liceu colecionara. “Nem um só desses livros tinha a ver com a espionagem ou com questões políticas. O espião que não o foi virara costas à espionagem”, escreveu. ■



Jornal do Fundão de 8 de Maio de 1981: as últimas declarações de Menezes à Imprensa



A PIDE resumiu a acusação em meia-dúzia de itens [Arquivo da PIDE]